

Filipa Leal partilha do ser e da palavra...

Texto: Ninette Fernandes

Filipa, em primeiro lugar queria-te fazer algumas perguntas sobre a viagem que levaste para chegares até aqui – com o teu primeiro livro publicado ...

Podias-me dizer onde e quando é que nasceste?
Nasci em Portugal, no Porto, em 1979.



Foto: Mafalda Capela

Quando é que vieste para Londres e porquê?

Fui para Londres em 1997. Tinha 18 anos. Tinha lá estado de férias com a minha família e vim deslumbrada. A minha mãe, há 30 anos atrás, passou várias temporadas a estudar em Londres, e falava-me muitas vezes dessa experiência. Eu parti com a desculpa de estudar jornalismo. Tirei o curso de Media Studies, na Universidade de Westminster. Mas penso que o que realmente motivou a minha ida, para além da necessidade absoluta de conhecer a fundo realidades diferentes da minha, foi a vontade de testar os meus limites. Nunca pensei que fosse capaz. Parti completamente sozinha, para tentar viver numa cidade diferente daquela onde estavam os amigos, a família, o conforto. Consegui. Quando regresssei a Portugal, já não me sentia a regressar. Estava, mais uma vez, a partir. Desta vez, partia de Londres. Fui uma criança e uma adolescente muito feliz, mas partir sempre fez parte do meu imaginário, demasiado romântico. Quando era pequenina, e brincava sozinha, queria ser palhaço. Fazia a mala, com um chapéu de coco e um nariz vermelho que usava no Carnaval, e imaginava a despedida e o futuro incerto. Mais tarde, julgo que se tornou também uma obsessão literária. Precisava de

viver e escrever sobre isso. Foram três anos fascinantes. Hoje tenho grandes amigos espalhados pelo mundo, e uma enorme saudade. Penso neles diariamente. Há uma semana atrás, recebi em casa, no Porto, um ramo de flores de um amigo que vive no Japão...

Porque é que estudaste Jornalismo?

Escolhi estudar Jornalismo muito cedo. Foi a minha segunda opção. Quando, aos onze anos, disse aos meus pais que queria ser escritora, eles explicaram-me que era muito difícil ser escritor de profissão, que deveria tentar ser outra coisa qualquer, porque nada me impediria de continuar a escrever. Então, procurei um objectivo mais sério. Escolhi o Jornalismo porque me pareceu a profissão perfeita para mim. Teria que escrever como modo de vida, e não havia já nada que me desse mais prazer.

Há quanto tempo é que sonhas com a ideia de ser escritora/poeta/autora e como é que te sentes agora em ter esse sonho realizado?

Quando me perguntam há quanto tempo é que escrevo, a minha vontade é responder: escrevo desde que aprendi a escrever. Às vezes penso que pessoa teria sido se tivesse nascido há muitos séculos atrás, antes da escrita. Sinceramente, não consigo distanciar-me desta minha ligação às palavras. Penso que também sou as minhas palavras, e vejo o mundo através delas, como se fosse um fotógrafo com as lentes coladas aos olhos, que não pudesse ver senão através daquele objecto. O sonho de ser escritora existe desde os onze anos, quando senti que era feliz escrevendo. Tenho um poema dessa altura, muito engraçado, que diz: "O meu sonho é ser escritora/ escrever até me fartar,/ porque o melhor que há na vida/ é criar!" Hoje sinto-me realizada, embora tenha consciência de que isto é apenas o princípio de um caminho que quero continuar a percorrer. Este terá que ser sempre um sonho insatisfeito. Curiosamente, não me sinto mais escritora do que antes da publicação deste livro, mas agrada-me a partilha do ser e da palavra, e a possibilidade de a LUA-POLAROID vir a fazer alguém feliz.

Após ter completado o teu curso na Universidade de Westminster quais foram os passos que deste para



chegar a publicar *Lua Polaroid*?

Desde que cheguei de Londres, dei vários passos no sentido do meu regresso ao Porto, mas principalmente do meu regresso a mim. E, acima de tudo, continuei a escrever. Mas a publicação de *LUA-POLAROID* foi uma surpresa bonita. Numa tarde vulgar, vi um cartaz a anunciar um concurso literário da editora Corpos chamado "Ministério da Poesia". Achei o nome do concurso extremamente original e decidi enviar o meu livro. Acontece que ainda não o tinha terminado, embora soubesse exactamente qual seria o fim. Quando comecei a escrever esta história, em Julho de 2001, pensei que seria o meu primeiro romance. Mas gosto de escrever textos curtos, e aborreço-me a descrição em demasia. O Ministério da Poesia impunha um limite máximo de páginas que me permitiu terminar o meu livro em paz, e esquecer o objectivo inicial de escrever um romance longo e sério, daqueles com imensas páginas que muitas vezes ninguém lê, mas cujo tamanho causa um certo impacto nos possíveis leitores. A Corpos seleccionou a minha história, e publicou-a.

Procuraste emprego, quais foram as fases pelas quais passaste – viagens, experiência profissional etc. até chegares ao teu "destino"?

No Verão que se seguiu ao final do curso, optei por seguir o exemplo dos recém-licenciados ingleses... Viajei. Estive na Sicília, que foi ponto de encontro entre alguns amigos que em breve deixariam de se ver com frequência; eu, um italiano e três japoneses. Passei um mês a conhecer a Tailândia, numa viagem igualmente marcante. Depois ainda regressei a Londres, para a entrega dos diplomas. Já em Portugal, fiz um estágio na rádio, enquanto frequentava um curso de teatro para amadores. E finalmente decidi tirar um Mestrado em Literatura Portuguesa. Desde então, enquanto estudo, tenho trabalhado como tradutora, e também estou envolvida em inúmeros eventos culturais, a recitar poesia, onde já tive oportunidade de conhecer poetas de todo o mundo.

Qual foi a primeira coisa que escreveste mesmo desde pequenina?

Não sei se terá sido uma história ou um poema. Tenho um caderno de 1990, tinha eu onze anos, cheio de histórias e de poemas, mas todos com a mesma data (o dia em que, possivelmente, passei tudo a limpo para ali). Talvez tenha começado por escrever histórias, mas cedo me inclinei para a poesia. É curioso que o meu primeiro livro publicado seja em prosa, mas talvez seja coerente com o meu percurso de escrita.

Tens algumas ideias para um próximo trabalho?

Se tudo correr bem, o próximo livro será de poesia, e talvez venha a ser publicado em breve. Curiosamente, fui convidada para publicá-lo antes do concurso da Corpos. Já estou há alguns meses a trabalhar nele, a repensá-lo, a

substituir ou a acrescentar textos e versos. Não pretendo que seja perfeito, mas que me preencha. Espero, dentro de alguns anos, poder olhar para os meus primeiros livros e suspirar de alívio, não de arrependimento. De resto, tenho imensas ideias para futuros trabalhos. Há algum tempo, ouvi o Jorge de Sousa Braga, um grande poeta do Porto, a dizer que em Portugal se publica demais. Concordo. E não quero cair nesse erro. Escrevo demais, o que quer dizer que escrevo o suficiente, mas quero proteger-me da exposição despropositada.

Como é que descobriste a ideia de *Lua Polaroid*, o título, o tema, tudo? Explica-nos.

Querem que vos conte a história por trás da história? Bem, aconteceu numa noite de uma lua cheia cor-de-laranja e enorme que quase entrava pelo meu quarto adentro. Era de tal forma indescritível que fui buscar a máquina fotográfica polaroid, para gravar o momento. No segundo

seguinte, percebi que a imagem real daquela lua gigantesca, que eu via mesmo à minha frente, na fotografia ficava reduzida a uma cabeça de alfinete. Tinha a fotografia na mão e aquela lua somente ao alcance dos olhos, para sempre. Percebi que a realidade, por vezes, é indiscutivelmente mais bonita do que a descrição – seja através da imagem, ou da palavra. Por isso a certa altura da história, há uma passagem que diz: "Amo-te – mas são inúteis as palavras, porque nenhum espelho reflecte o sangue e a frágil alucinação da pele". Acredito que há sensações e momentos totalmente individuais, únicos, impossíveis de descrever. Foi nesse instante que me surgiu uma primeira frase: "Anda ver a lua por dentro

dos meus olhos", e com ela um primeiro texto ao qual, durante alguns meses, dei o título de *Monólogo Inacabado*. O título apareceu pouco tempo depois, quando comecei a escrever a história, e continuei esse monólogo que eu sabia que não poderia terminar ali, porque, naquela noite, nascera uma personagem tão definida, que merecia sobreviver.

Estou correcta em presumir que a voz de narrador de *Lua Polaroid* é masculina? Porque é que escolheste escrever com a voz de um homem ou sou eu a seguir os meus preconceitos estereotípicos para chegar a essa conclusão? Ensina-me como é?

Sim, é uma voz masculina, o narrador é um homem, mas principalmente é alguém que foi um menino pequenino, em tempos. É nessa condição que existe. A infância, aqui, tem uma importância muito forte. Acho que a maior parte das pessoas se esquece que foi criança. Eu creio que se, de vez em quando, recordássemos as pessoas bonitas que fomos em pequeninos, seríamos mais felizes e, em alguns casos, menos desinteressantes. De resto, foi a primeira vez na minha vida em que me surgiu espontanea-

